

A TOPOFILIA NOS POEMAS DE CORA CORALINA E JOSÉ DÉCIO FILHO

Moema de Souza Esmeraldo

(Universidade Federal de Goiás – CAC/ PMEL)

Orientadora: Maria Imaculada Cavalcante

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo investigar as relações de intimidade com o espaço da cidade nos poemas de Cora Coralina e José Décio Filho. Tomaremos como *corpus* de investigação, respectivamente, as obras *Poemas dos becos e Goiás e estórias mais* (1965) e *Poemas e Elegias* (1953) com intuito de examinar as relações do sujeito lírico com o seu espaço físico. Esta investigação evidencia a topofilia, isto é, a percepção do lugar a partir da sua dimensão afetiva, como balizadora da análise poética. Recorrendo à topoanálise, proposta pelo filósofo francês Gaston Bachelard, e às relações topofílicas do geógrafo chinês e Humanista Yi-Fu Tuan, investigaremos como se dão os níveis de intimidade, possibilitando a compreensão da relação do sujeito lírico com o espaço urbano, citadino em direção aos espaços vividos, engendrando uma perspectiva intimista. Os textos poéticos ora selecionados nos apresentam elementos que configuram e corroboram com o fato da riqueza da espacialidade ser tema corrente na literatura que ultrapassa limites, indo além de suas fronteiras, pois transcende o espaço geográfico elaborando, por meio de uma relação metonímica, a cidade como representação do sujeito lírico. Todavia, a caracterização particular das cidades nos define estes lugares como pertencentes às experiências topofílicas dos poetas que saudosamente rememoram em sua poesia as relações de afetividade com os espaços das cidades.

Palavras-chave: Intimidade, topoanálise, poesia, cidade.

1) Considerações gerais

Este estudo busca discutir a ideia do espaço da cidade percebida na poética de Cora Coralina e José Décio Filho, a partir do significado de topofilia extraído do imaginário, da percepção e da simbolização da relação do sujeito lírico com o espaço da representado por ele. Para tal, entende-se topofilia como sendo “os laços afetivos com meio ambiente material (...) o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 2012, p.135).

A palavra topofilia é um neologismo, importante para a compreensão do sentido dado o espaço da cidade como enfoque, pois a relação com este espaço inclui os laços afetivos dos seres humanos com o espaço. Um olhar

sobre a paisagem da cidade, identificando-a aos diferentes aspectos do de integração com meio ambiente, como nos confirma, Yu-fu Tuan, em sua obra *TOPOFILIA - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. Desse modo, o estudo da criação poética vale-se de representações do ambiente e podem ser estéticas do espaço vivido, sensações que vão determinando os humanos ao lugar, tornando-os parte integral do meio.

Mais permanentes e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo. (TUAN, 2012, p. 136)

Este trabalho procura demonstrar dentro da poesia argumentos que despontam a questão da topofilia, principalmente, em relação aos espaços das cidades goianas recriados na poética dos autores em estudo. As práticas culturais enraizadas na cidade, bem como os relatos ou histórias de vida das pessoas, enfim, o imaginário das tradições das cidades interioranas rebuscam a afetividade nos espaços representados na poética coralineana e deciana.

A escolha do referencial bibliográfico, assim como o objeto de análise que permeiam a temática sobre o espaço e as produções teóricas são calcadas no imaginário do sujeito lírico, da topofilia, entre outros, os quais serviram como subsídios para o processo de leitura da poesia como mecanismo para a compreensão textual. Na poética dos autores apresentados encontramos facilmente versos que denotam a poesia atribuições vinculadas a diferentes espaços relacionando-os ao espaço da cidade de modo afetivo.

Dado o fato, Cora Coralina, em especial, os poemas “Minha Cidade” e “Becos de Goiás” descreve uma identificação amorosa do eu lírico com a Cidade de Goiás. Por conseguinte, a poetisa ensaia, ainda, uma série de poemas em homenagem a diferentes becos da cidade, dos quais se destacam: “Beco da escola” e “Beco da Vila Rica” e perpassa por outros espaços simbolicamente importantes, na Cidade de Goiás, tais como: “Rio Vermelho”, “Velho Sobrado” e “O Palácio Conde dos Arcos”.

No intento de corroborar em demonstrar essa relação amorosa de Cora Coralina com a cidade temos os versos de abertura do poema “Becos de Goiás”. O tom de dedicatória amorosa aparece ainda explicitamente nos versos deste poema:

Beco da minha terra ...
Amo tua paisagem triste, ausente e suja. (...)
Amo a prantina silenciosa de teu fio d'água (...)
Amo esses burros-de-lenha que passam pelos becos antigos. (...)
Amo e canto com ternura
todo o errado de minha terra.
(CORALINA, 1985, p.103-104)

Ao utilizar repetitivamente o verbo no presente “amo” como no poema “Becos de Goiás” a poetisa se aproxima dos espaços da cidade e dos becos

(considera-se o beco como metonímia de cidade) ao estabelecer nesses versos uma relação de amor com o espaço cantado, mesmo associado a adjetivos pejorativos tais como “triste”, “ausente” e “sujo”, mesmo assim o sentimento de amor incondicional a terra prevalece, os becos particularizam a cidade e os adjetivos dão a ideia de intimidade. Esse esfacelamento do todo em becos humaniza a geografia da cidade, propiciando a identificação do eu-lírico com a mesma.

A própria vida de Cora Coralina se confunde nos poemas da obra poética proposta para análise, sua vivência poética e sua estética estão relacionadas com a sua vida. De tal modo, pode-se inferir que os elementos levantados nos permitem inúmeras considerações em outros diferentes níveis semânticos a serem analisados, porém, o interesse do presente trabalho é apontar os elementos relativos a questão do espaço e a cidade.

Numa perspectiva literária, o foco vai além dos elementos constitutivos do todo. Os espaços específicos dentro da cidade enfatizam a visão que o individual do eu-lírico tem do mesmo, desse modo, o espaço seria vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado. Neste contexto, os sentimentos em relação ao espaço e sua percepção são vistos com mais significação. Assim, é possível reconhecer a simbiose da poetisa com o espaço do rio: “Vive dentro de mim/ A lavadeira do Rio Vermelho/ Seu cheiro gostoso/ d’água e sabão.” (CORALINA, 1985, p.45)

Cora Coralina, dessa maneira, constrói o sentido ao espaço do rio Vermelho, não somente pela atividade humana, mas, sobretudo pelo conhecimento intuitivo do espaço incorporado por meio de poesia. Ao incorporar a “lavadeira do Rio Vermelho” utiliza elementos que permeiam tal condição tais como “água” e “sabão”. Em nível textual, muitos são os léxicos usados pela autora para atribuir a sua poética uma conotação vinculada aos espaços de sua vivência e intimidade. A casa em que Cora viveu a sua infância é a mesma para onde regressou após quarenta e cinco anos longe da sua cidade natal.

Não obstante, na obra de José Décio filho *Poemas e Elegias* também constrói, por meio de versos, uma significativa representação dos espaços de cidades e da casa natal de seu nascimento, estabelecendo uma relação de afetividade. O autor dedica uma série de versos para expressar a sua afeição por espaços importantes marcados pelas suas experiências de vida. Desde seu nascimento, passando pela infância e a fase adulta, Décio nunca deixou de rememorar os espaços das cidades que marcaram o decorrer de sua existência. Em seu poema “Terra Branca” coloca a própria paisagem como elemento de representação de seu nascimento:

Na casa de meu avô,
depois de meus pais,
vi pela primeira vez
a paisagem mais simples do mundo. (...)
Posse ... terra branca de luar.

Pura e humildemente
Minha saudade te visita.
(DÉCIO, 1979, p.46-47)

Como exposto em seus versos, a cidade de seu nascimento é Posse (GO), fez o primário em sua cidade natal e em Formosa; o secundário no Lyceu de Goiás. A obra poética de Décio, fruto de uma necessidade interior, corresponde a necessidade de trabalhar a temática do espaço como objeto de sua poesia, em principal, o espaço das cidades por onde o poeta viveu. Os espaços são lembrados por meio da percepção e memória do poeta e assim, as paisagens são recriadas a partir de lembranças afetuosas e não apenas de maneira meramente descritiva ou realista.

O espaço específico focado para análise é o espaço da topofilia, é também descrito pelo filósofo francês Gaston Bachelard, na obra *A poética do Espaço*, em que exemplifica o espaço do acolhimento como no capítulo “O ninho” com as imagens associadas por Victor Hugo em seu romance, *Notre-Dame de Paris*, considerado o maior romance histórico deste escritor. Este livro define a forma de exploração ficcional do passado que marcaram o romantismo francês narrando a história do amor do deformado sineiro da catedral de Notre Dame, Quasímodo, pela bailarina cigana Esmeralda, obra com um estilo realista, especialmente nas descrições de Paris medieval e seu submundo. A imagem do ninho, então, foi escolhida para representar espaços da intimidade, atribuí-se, assim, uma extraordinária valorização, um desejo de perfeição, um instinto de segurança com tal elemento. Ninho e infância estão, em *A poética do espaço*, intimamente ligados. Não se trata de uma simples comparação entre ninho e infância, mas de uma multiplicidade de imagens que o símbolo ninho, nos apontamentos de Bachelard (1979), evoca:

A fenomenologia filosófica do ninho começaria se pudéssemos elucidar o interesse que sentimos ao folhear um álbum de ninhos ou, mais radicalmente ainda, se pudéssemos reviver a ingênua admiração com que outrora descobríamos um ninho. Essa admiração não se desgasta. Descobrir um ninho leva-nos de volta à nossa infância, a uma infância. A infâncias que deveríamos ter tido. Raros são aqueles dentre nós a quem a vida deu a plena medida de sua cosmicidade. (Bachelard, 1979, p. 258)

O ninho, segundo Bachelard (1979), como toda imagem de repouso, de tranquilidade, associa-se imediatamente à imagem da casa simples. A *casa-ninho*, por sua vez, nunca é nova. Com relação a esta casa-ninho, o teórico enfatiza a questão do regresso humano. Para ele, volta-se para a casa-ninho, ou melhor, sonha-se voltar a ela como o pássaro volta ao ninho, como a ovelha volta ao aprisco. “Esse signo da volta” escreve em sua obra, “marca infinitos devaneios. (...) Nas imagens aproximadas do ninho e da casa repercute um componente íntimo de fidelidade” (Bachelard, 1979, p.262). Estas duas imagens, o ninho tranqüilo e a velha casa, tecem o ofício dos sonhos, a intimidade.

A ideia bachelardiana de espaço, que é extremamente poética, é apresentada na obra já citada por meio do exame das imagens dos espaços denominados pelo autor como espaço feliz. Nesta perspectiva este espaço feliz é conceituado como espaço topofílico. Os espaços analisados pelo autor, então, são: a casa, o porão, o sótão, a cabana, a gaveta, o cofre, o armário, o ninho, a concha, o canto, que revelam uma fenomenologia do homem e sua relação com o mundo estabelecendo a relação do que há dentro do homem e à sua volta. O autor afirma que através do espaço se pode chegar a uma fenomenologia da imaginação, ou seja, conhecer em sua origem, em sua essência, sua pureza. Bachelard (1979), durante toda a sua obra, aponta diferenças entre imagem e metáfora. A metáfora seria uma imagem fabricada, sem raízes, já a imagem se diferenciaria por ser real, seria então um fenômeno do ser falante. Nesse sentido, a metáfora é uma falsa imagem e as imagens da nossa intimidade estariam relacionadas à lembrança pessoal.

Em suma, a obra em estudo é pautada pela discussão da relação da lembrança aprazível de espaços importantes como afirma Bachelard (1979, p. 232): “Os espaços amados nem sempre querem ficar fechados! Eles se desdobram. Parece que transportam facilmente para outros lugares, para outros tempos, para planos diferentes de sonhos e lembranças.” As circunstâncias de vida, a precisão da descrição do olhar do eu-lírico, recuperado pelas lembranças dos poetas, é revelado por uma escrita poética que possibilita sobressair, no ato lírico, matizes diversos da ação do homem sob o espaço que o acolhe.

De acordo com Bachelard (1979, p. 232), a casa é o primeiro espaço legítimo do homem. Com seus cantos, sótãos, porões, armários e gavetas que o protegem e dão a ele ilusão de estabilidade “é uma das maiores (forças) de integração para seus pensamentos, suas lembranças e seus sonhos”. As imagens que a casa traz são quase sempre reconfortantes. Não o são sempre, porque há imagens de espaços habitados que causam o desconforto, ocorrendo, assim, “uma inversão na função de habitar”, onde o espaço deixa de ser um “espaço feliz”. Mas o objetivo dessa análise é evidenciar a relação íntima e amorosa dos poetas em estudo com os espaços cantados em sua poesia.

Tanto Cora quanto Décio confirma-nos uma atividade, ao mesmo tempo ontológica e política, do mundo da representação e das ilusões imaginárias dos espaços representados pelas cidades. A intimidade nos textos poéticos ora citados demonstrou o interesse dos poetas em estabelecer uma relação com os espaços de sua memória e os cenários recriados liricamente em sua poesia. Portanto, a poesia como documento de espacialidade humana, no caso do presente estudo, demonstra uma verdadeira relação afetiva entre imagem, geografia e lembrança histórica em um relacionamento de apego aos espaços reconhecidos de cidades geograficamente delimitadas.

Os preceitos da ciência moderna implicam um tempo de intensificação das polêmicas em relação ao real, a razão e ao imaginário. No que tange à

imagem, imaginação e imaginário destacam-s aqui alguns autores como o geógrafo já citado Yi Fu Tuan e Gaston Bachelard, entre outros, que se propuseram a discutir o imaginário humano a partir do espaço específico nomeado de espaço de topofilia por representar uma relação afetiva do sujeito com o espaço vivenciado por ele. O objetivo, então, é argumentar em favor do uso do imaginário como objeto de reflexão e possibilidade metodológica na pesquisa em literatura perpassando peço universo simbólico da linguagem. Entendemos que os signos, símbolos desse imaginário de espaço e representado pela cidade, se processam necessariamente no meio ambiente, fonte dessas construções.

BACHELERD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. 18. ed. São Paulo: Global, 1985.

DÉCIO FILHO, José. *Poemas e Elegias*. 2. ed. Goiânia: Bolsa de Publicações H. de Carvalho Ramos, 1979.

TUAN, Yi-FU. *Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: EDUEL, 2012.